

# A EMANCIPAÇÃO DO NOVO HOMEM: A MORAL ANARQUISTA E A EDUCAÇÃO LIBERTÁRIA NOS ESCRITOS DE EDGARD LEUENROTH<sup>1</sup>

CLÁUDIA TOLENTINO GONÇALVES<sup>2</sup>  
CHRISTINA DA SILVA ROQUETTE LOPREATO<sup>3</sup>

**RESUMO:** Neste trabalho buscamos analisar os escritos de Edgard Leuenroth (1881-1968), principalmente os seus artigos publicados no jornal anarquista *O libertário* e um manuscrito inédito de sua autoria, intitulado “Qual a solução para o problema do Brasil?”. Nosso intuito é mapear as tentativas do militante de conceber um “homem ideal”, indispensável para a construção e manutenção de uma sociedade socialista libertária no Brasil. Para tanto, este texto desdobra-se em três momentos: no primeiro, apresentamos os escritos do militante enquanto veículo de crítica ao capitalismo. No segundo, uma reflexão sobre os escritos de Leuenroth e o seu caráter instrutivo, indispensável na formação do “novo homem” e, conseqüentemente, da anarquia. Por fim, analisamos a moral anarquista e sua importância na composição de um padrão de conduta afinado às expectativas libertárias de Edgard Leuenroth.

**PALAVRAS-CHAVE:** Edgard Leuenroth, pedagogia libertária, imprensa.

**ABSTRACT:** In this paper we intend to analyze the Edgard Leuenroth's writings (1881-1968), especially some articles published both in a libertarian newspaper and in an unpublished manuscript he authored, entitled "Qual é a solução para o problema do Brasil?". Our purpose is to map the attempts of this militant to design an "ideal man", essential for building and maintaining a libertarian socialist society in Brazil. However, this paper unfolded in three moments: first, we present the writings of the militant as a vehicle for criticism of capitalism. In the second moment, we reflect about the Leuenroth's writings and

---

<sup>1</sup> Este artigo é resultado final da pesquisa de Iniciação Científica “Pedagogia Libertária os alicerces de uma nova sociedade”, processo n°: G-073/2009, financiada pelo PIBIC/CNPq/UFU, que compõe o projeto “Edgard Leuenroth: intérprete libertário do Brasil”, coordenado pela Profa. Dra. Christina da Silva Roquette Lopreato.

<sup>2</sup> Instituto de História – Universidade Federal de Uberlândia (UFU); Rua João Ângelo Shiavinato, n° 1036, bairro Santa Mônica; Uberlândia/MG; CEP: 38.408-272; [claudiatolentino.ufu@gmail.com](mailto:claudiatolentino.ufu@gmail.com).

<sup>3</sup> Instituto de História – Universidade Federal de Uberlândia (UFU); Rua Tapajós, n° 788, apto 101, bairro Saraiva; Uberlândia/MG; CEP: 38.408-414; [chrislopre@ufu.br](mailto:chrislopre@ufu.br).

his instructive character, essential in the formation of "new man" and, consequently, of anarchy. Finally, we analyze the anarchist moral and its importance in the composition of conduct pattern tuned to the expectations of Edgard Leuenroth.

**KEY-WORDS:** Edgard Leuenroth, libertarian pedagogy, press.

## I. INTRODUÇÃO:

Este artigo pretende organizar as reflexões resultantes da pesquisa de iniciação científica que entrou em vigor em agosto de 2009, cuja temática consiste em analisar o “homem ideal” que, de acordo com Edgard Leuenroth (1881-1968), seria crucial para a construção e manutenção de uma sociedade socialista libertária no Brasil. Para atingir este intento, julgamos necessária a compreensão dos princípios morais e dos modelos de conduta caros ao pensamento anarquista e à educação libertária. Educação esta que pretendia propiciar a transformação e emancipação dos homens para a conseqüente consolidação da anarquia<sup>4</sup>. Para a construção de uma nova sociedade, portanto, os anarquistas preconizavam que os homens deveriam ser *deseducados*, no que tange aos preconceitos e vícios comuns ao sistema – capitalista – vigente, *educados* em conformidade com os princípios libertários e *regenerados* sob o ponto de vista social, político, moral e ético.

## II. MATERIAIS E MÉTODO:

Dentre os escritos de Edgard Leuenroth, priorizamos aqueles que se encontram dispersos no periódico anarquista *O Libertário*, e um manuscrito, ainda inédito, denominado *Qual a solução para o problema do Brasil?*. Para conferir suporte a estas leituras, retomamos alguns textos de teóricos do anarquismo, tais como Piort Alexievich

---

<sup>4</sup> A anarquia não se caracteriza pelo caos e pela desordem, como pressupõe o senso comum. Uma sociedade anárquica é regida por uma ordem anti-burguesa, sem Estado e sem leis. A liberdade, a igualdade e a solidariedade são defendidas como princípios para a supressão das injustiças sociais e para a redução das “imperfeições humanas”, garantindo o bem-estar social (que não deve ser confundido com o Estado do bem-estar social) e a felicidade dos homens.

Kropotkin (1842-1921), Michael Alexandrovich Bakunin (1814-1876), Errico Malatesta (1853-1932) e Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865). Por outro lado, realizamos a leitura de trabalhos acadêmicos que analisam a temática do anarquismo, sobretudo a moral anarquista e a pedagogia libertária.

Em termos de procedência metodológica, nos identificamos com as propostas sugeridas por Pierre Ansart e Quentin Skinner. Estas escolhas vão de encontro ao nosso intuito de compreender melhor a importância das sensibilidades no trabalho do historiador, e refletir sobre a conjuntura histórica de Edgard Leuenroth, mais especificadamente sobre o momento da escritura e edição de seus escritos mencionados acima. Ansart compreende que os sentimentos morais são reais, históricos e instituintes dos sistemas políticos. Cada sistema político, nestas condições, coloca em perspectiva um conjunto dinâmico de sensibilidades políticas que corresponde ao seu funcionamento e à sua estrutura, e que regula os modos de vida dos seus agentes (ANSART, 1983). Sendo assim, é de fundamental importância para nosso trabalho entender como as paixões, as emoções e os sentimentos coletivos estão imbricados às práticas políticas particulares e de que forma atuam sobre elas e sobre os seus agentes.

Por outro lado, adotamos uma das premissas sugeridas por Quentin Skinner, que entende que o historiador deve conhecer a sociedade na qual o escritor vive e para a qual ele escreve, na tentativa de interpretar suas possíveis motivações ideológicas, levando-se em consideração os “silêncios” e os “excessos”, estabelecendo um nexo entre teoria e prática políticas (SKINNER, 1996, pp. 9-14). Uma interação maior com o contexto sócio-político da época nos permite entender melhor as motivações de Leuenroth, ao (re)conhecer a conjuntura histórica na qual ele se insere e para a qual ele escreve e anseia por mudanças.

### III. RESULTADOS E DISCUSSÕES:

#### **O jornal *O Libertário*: locus revelador dos anseios de Edgard Leuenroth:**

Considerado pelos seus companheiros como exemplo vivo do *novo homem*, fundamental para a consolidação da anarquia<sup>5</sup>, Edgard Leuenroth teve sua trajetória de vida marcada pela convicção nos ideais libertários, que impulsionou sua luta política em busca de um Brasil melhor. Militante engajado no movimento operário brasileiro,

---

<sup>5</sup> Dealbar. Morreu como as árvores: de pé. São Paulo, Ano II, nº 17, p. 02, 1968.

Leuenroth participou de diversas organizações sindicais no Brasil e foi um dos principais porta-vozes dos trabalhadores em manifestações operárias ocorridas na cidade de São Paulo, ao longo do século XX. Jornalista atuante, fez da imprensa livre um eficaz instrumento de luta, tendo participação ativa em vários periódicos anarquistas, tais como *A Terra Livre*, *A Plebe* e *O Libertário*<sup>6</sup>. Este último, publicado na cidade de São Paulo entre outubro de 1960 a março de 1964, foi fundado e dirigido por Pedro Catalo (1901-1969)<sup>7</sup>, importante militante-anarquista na história do movimento operário brasileiro. Neste jornal, Edgard Leuenroth escreveu vinte e cinco artigos, dentre os quais nove compõem o manuscrito *Qual a solução para o problema do Brasil?*<sup>8</sup>. Estes nove artigos foram modificados/adaptados por Leuenroth para serem publicados no jornal, e é justamente sobre eles que nos debruçamos, a fim de compreender a ênfase dispensada por Leuenroth na revisão destes escritos em um livro que tem como temática a estruturação de uma sociedade ácrata no Brasil<sup>9</sup>.

Acreditamos que esta ênfase, que motivou Leuenroth a retomar estes artigos, não foi provocada por ausência de criatividade, tampouco devido à falta de ímpeto intelectual. Antes, partimos do pressuposto de que a publicação destes escritos em um

---

<sup>6</sup> Este periódico é um veículo de contestação do sistema capitalista, de divulgação da doutrina anarquista e de organização do movimento operário, no Brasil e no mundo. Enfoca, portanto, os principais debates políticos da época, tratados, obviamente, sob a ótica libertária. Além de divulgar para os leitores encontros - como: conferências, palestras, piqueniques, etc. - livros; poesias; peças teatrais; etc.

<sup>7</sup> Pedro Catalo foi sapateiro e militante, reconhecido por seu engajamento no movimento operário e por sua luta antifascista. Autor de diversos hinos, poesias, músicas e peças teatrais, Catalo fundou o Grupo Teatral da União dos Artífices em Calçados, e o jornal *Dealbar* em 1965 - continuação do periódico *O Libertário*.

<sup>8</sup> Este livro está sendo editado por Christina Lopreato para futura publicação. Nele, Leuenroth estrutura uma sociedade socialista libertária para o Brasil baseada no anarco-comunismo, do qual Piort Kropotkin foi um dos mentores. Nesta vertente é proposto um modelo produtivo descentralizado e autogestionário, de forma que os frutos do trabalho integral - manual e intelectual - produzido por todos, sejam sociabilizados entre os membros da sociedade. O lema *a cada um segundo suas necessidades, de cada um segundo suas possibilidades* rege a teoria anarquista econômica proposta por Kropotkin e adotada por Leuenroth em seus escritos. O livre consenso entre os indivíduos regeria esta sociedade, de acordo com as necessidades, aptidões, idéias e sentimentos dos seus membros. Sobre as idéias precursoras de Kropotkin na concepção do anarco-comunismo, ver: (LOPREATO, 2003, pp. 557-572).

<sup>9</sup> A primeira parte do livro *Qual a solução para o problema do país?* apresenta sete artigos que foram publicados no jornal *O Libertário*, contendo algumas modificações bastante sutis. Neles, Leuenroth faz um balanço da situação enfrentada pelo país sob a égide do sistema capitalista, demonstrando a necessidade de se realizar *a reforma das bases da organização político-econômico-administrativa do país* para a solução dos problemas que atingem a maior parte da população brasileira. Já na segunda parte, Leuenroth estrutura uma sociedade libertária para o Brasil capaz de suprimir todos os problemas traçados anteriormente. Nesta segunda parte, encontramos dois artigos publicados em *O Libertário*, que apresentam algumas modificações e/ou adaptações consideráveis, pois no jornal a ênfase se pautava na necessidade de organização das massas para a solução dos problemas da habitação e da assistência social no sistema capitalista. Já no projeto de livro, Leuenroth enfatiza as medidas para a reorganização das habitações e da assistência social na nova sociedade após mostrar as péssimas condições que a população desfavorecida pelo sistema é submetida, no que se refere a estas duas necessidades básicas para a sobrevivência humana.

jornal de cunho libertário era fundamental para o projeto pedagógico de Leuenroth, que pretendia formar *novos homens*. O jornal, importante veículo de conscientização e orientação da população, seria o local apropriado para a publicação de textos que, para Leuenroth, sugeriam novos rumos e denegriam certas posturas comuns à sociedade para a qual perscrutava novos horizontes – a construção da anarquia no Brasil:

Somente assim poderá ser solucionado o problema brasileiro. E, quando isso se fizer, desaparecerão as causas das misérias e opressões que a todos atormentam e haverá possibilidades para o povo desta terra, irmanado numa grande família, passar a viver num regime em que o bem-estar e a liberdade constituirão a norma comum da vida. Assim pensam os libertários e por isso sempre lutaram e continuam a lutar.<sup>10</sup>

O jornal *O Libertário*, assim como inúmeros jornais anarquistas publicados no Brasil ao longo dos séculos XIX e XX, foi o resultado do esforço coletivo de um grupo de anarquistas que se articulou para a criação de uma forma alternativa de difusão do ideal libertário. O grupo formado por Pedro Catalo, Edgard Leuenroth, Souza Passos, Lucca Gabriel, dentre outros nomes, em um primeiro momento, viabilizou a publicação de uma revista que possibilitaria a circulação de um número maior de textos e matérias. Porém, devido à falta de recursos financeiros e com a necessidade de manter vivas as relações entre os militantes e simpatizantes do movimento anarquista, o grupo optou pela criação do jornal *O Libertário*, cujos propósitos eram: denunciar os problemas enfrentados pela população sob a égide do sistema capitalista e o estudo e difusão do anarquismo entendido pelo grupo da seguinte forma:

O anarquismo é uma interpretação real da vida humana; e embora não tenha sido experimentado em larga escala, a humanidade, entretanto, caminha para ele. Pretende sucumbir as injustiças sociais e reduzir ao mínimo as imperfeições humanas. Busca aproximar os homens, criando-lhes uma nova personalidade, isenta de preconceitos e escoimada de superioridades absurdas. Prega a liberdade, a igualdade e a fraternidade, tendo por base os indeclináveis direitos e deveres das criaturas humanas. O anarquismo não é estático, de nada tem de difícil ou misterioso. É sempre atual porque, fundamentado nas ciências naturais e positivas estuda, acompanha e participa da estrutura e evolução dos conglomerados humanos e da vida de relações dos mesmos. Sem desconhecer os efeitos, combate fundamentalmente as causas; por isso é radical evolucionista e pela ação direta.<sup>11</sup>

---

<sup>10</sup> LEUENROTH, E. A situação no Brasil exige uma reforma estrutural – Somente com a socialização se solucionara o problema do país. In: *O Libertário*. São Paulo: Ano I, n° 07, p. 02, 1962. Optamos por fazer a indicação bibliográfica completa, quando se trata dos jornais, devido às especificações que lhes são particulares.

<sup>11</sup> *O Libertário*. Aos leitores. São Paulo, Ano I, n° 01, p.01, 1960.

Com o objetivo de suprimir as injustiças sociais e as imperfeições humanas próprias da sociedade vigente, o jornal aparece como um porta-voz das aspirações libertárias. Seus criadores acreditavam que – com a destruição do Estado, do clero e da autoridade política e militar, responsáveis pelos sofrimentos, injustiças, e mazelas a que se sujeitava o povo brasileiro – seria possível a constituição de outra humanidade. O periódico *O Libertário* seria um instrumento de alerta aos leitores, quanto à incapacidade do capitalismo de suprir as necessidades básicas da população e, sobretudo, de lhes proporcionar uma vida digna. Este alerta, contudo, era pincelado a partir de uma contraposição entre o sistema vigente e as perspectivas otimistas deste grupo, que pretendiam a transformação da sociedade através da filosofia anarquista.

*O Libertário* não era editado regularmente: apesar de sua proposta inicial de publicação mensal, a falta de recursos financeiros contribuiu para a sua irregularidade. O grupo editor, no entanto, se esforçava para garantir a circulação do mesmo. Seu preço era versátil, e cada um contribuía para a sua publicação de acordo com suas possibilidades. Ainda assim, o jornal não era recusado a quem não pudesse pagar por ele. É comum aos jornais anarquistas este tipo de prática. O montante das doações feita pelos contribuintes era utilizado para pagar as despesas de sua produção. Na maioria das vezes, a quantia arrecadada não era suficiente, o que levava a certa descontinuidade das publicações e ao fechamento de muitos jornais. Em *O Libertário* encontramos diversas notas nas quais o grupo editor pede aos leitores contribuição financeira para a manutenção do jornal:

É um apelo decisivo. Impõe-no o imperativo da difícil situação em que nos encontramos para manter a publicação regular do jornal. A partir deste numero o custo de sua confecção sofreu novo e considerável aumento. Cada exemplar (neste formato reduzido e apenas com quatro paginas!) passa a custar 24 cruzeiros! Apenas a sua impressão. Devendo-se acrescentar as demais despesas forçadas reduzidas ao mínimo: postais (expedição e correspondências), material administrativo, condução, transporte, etc. Sem contar os trabalhos de redação, revisão, administração, expedição, distribuição, etc., executados gratuitamente por militantes libertários que também concorrem economicamente. Urgem, portanto, positivas e imediatas providências. Quais? Fácil é enunciá-las: coleta imediata de recursos econômicos e aproveitamento rigoroso da tiragem do jornal.<sup>12</sup>

---

<sup>12</sup> *O Libertário*. Asseguremos a publicação de *O Libertário*. São Paulo, Ano III, nº 15, p. 04, 1963.

Inicialmente, o custo de produção de um número do jornal *O Libertário* era de cinco cruzeiros. Em maio de 1962, após permanecer cinco meses fora de circulação, o jornal voltou a ser publicado com um custo de dez cruzeiros por exemplar, chegando a trinta cruzeiros em março de 1963, e cinquenta cruzeiros em março de 1964. O aumento do custo do jornal, não concomitante ao aumento das contribuições, dificultava a continuidade de sua publicação e, por isso, em março de 1963, ele passou a ser publicado de dois em dois meses. É importante enfatizarmos que o custo de produção do jornal acompanhava os altos índices inflacionários no decorrer dos anos iniciais da década de 1960.

Voltando às denúncias promovidas pelo jornal, vários artigos retratavam o problema da carestia de vida e da falta de produtos essenciais para a subsistência tais como a carne, o óleo e o leite, mostrando que conquistas de greves e reivindicações dos trabalhadores como aumentos de salários, não resolviam os seus problemas, uma vez que o aumento dos preços das mercadorias não acompanhava as conquistas salariais:

Quando uma corporação de trabalhadores, premidos pelas crescentes necessidades criadas pelos aumentos incessantes das utilidades, se declara em greve reclamando aumento de salários, as empresas patronais condicionam a concessão dos aumentos à permissão de aumentarem as tarifas, privilégio que lhe é concedido. Desta forma, qualquer aumento de salário fica nulo, pois são os próprios trabalhadores que têm de pagar a enganosa melhoria em seus ganhos, através do aumento do custo da vida. O capitalista tira com a mão esquerda o que é forçado a dar com a direita. É o odioso círculo vicioso com o qual a burguesia defende seus privilégios em detrimento do povo trabalhador<sup>13</sup>

No calor dos meses iniciais do ano de 1964, em que a inflação atingia índices muito elevados e que o número de manifestações da esquerda brasileira – comunista, socialista e anarquista – crescia a cada dia, Edgard Leuenroth propunha através de *O Libertário* uma reforma radical das bases da sociedade brasileira, a fim de sanar os problemas que afligiam a população<sup>14</sup>. Em um artigo escrito por Souza Passos, publicado no jornal em maio de 1961, é feita uma crítica ferrenha ao aumento dos preços de produtos de primeira necessidade a partir de uma analogia com a *vassoura* – símbolo da campanha política eleitoral do presidente Janio Quadros. Após Quadros ter

---

<sup>13</sup> LEUENROTH, Edgard. Panorama atual da vida brasileira. In: *O Libertário*. São Paulo, Ano I, nº 07, p. 04, 1962.

<sup>14</sup> LEUENROTH, Edgard. A reforma de base que se impõe. In: *O Libertário*. São Paulo Ano III nº 26, p. 01, 1964.

realizado uma reforma cambial para diminuir os índices inflacionários, que acabou levando ao aumento dos preços de produtos essenciais para a subsistência da população, Souza Passos enfatiza criticamente que os trabalhadores se viriam obrigados a comer “sopa de vassouras”. E, em seguida, o militante afirma que a vassoura é um belo símbolo, mas nas mãos do povo, para que este limpe as causas que o escravizam em conveniência ao capitalismo<sup>15</sup>. É sobre este contexto de crises constantes que Edgard Leuenroth e seu grupo se inscreveu e atuou, apontando através de *O Libertário* novos caminhos para solucionarem os problemas do Brasil.

### **Em busca do novo homem: a importância da educação na construção da anarquia**

No pensamento anarquista, para se alcançar a sociedade ideal é necessário que os homens conscientes instrua as massas quanto à sua situação de exploradas e injustiçadas pelo sistema vigente, despertando nelas o anseio pela liberdade, através de uma revolução que institua, no país, uma nova sociedade, formada por *novos homens* e baseada em novos princípios e prioridades (GUÈRIN, s/d). Há que se cogitar que esta instrução dispensada às massas indica uma nova forma de *olhar* (observar de forma profunda) e não apenas de *ver* a sociedade, superando os contornos de um mero diagnóstico e sugerindo um novo caminho a ser trilhado. Desta forma, a proposta central é dismantelar a “velha sociedade” e edificar uma nova, cujas bases se sustentam na filosofia anarquista. Ao homem instruído caberia efetivar essa transição, pois agiria em prol de um sistema melhor(ado), regenerado do ponto de vista político, social e moral.

O otimismo acerca da natureza humana e da capacidade do homem se libertar dos preceitos (a)morais e (anti)éticos, próprios do sistema capitalista, através da educação, para se transformarem em *novos homens*, é o que impulsiona os anarquistas e confere sustentação à sua filosofia. São estes homens que justificam o posicionamento anarquista, como sugere Guilarte:

[Somos anarquistas] porque nos negamos a ser rebanho... E porque continuamos crendo no homem, no homem com suas misérias, suas angústias, surpreendido de sua própria obra, mas que é o princípio e o fim, a peça fundamental de tudo o que nos rodeia. Cremos nele porque estamos convencidos de que chegará o dia

---

<sup>15</sup> PASSOS. Souza. Sopa de Vassoura.... In: *O Libertário*. São Paulo, Ano I, n° 03, p. 01, 1961.

em que sua mente se ilumine e seu coração a todas as bondades, para buscar no caminho da fraternidade o verdadeiro rumo de sua vida.<sup>16</sup>

Propagar o ideal anarquista e despertar a vontade humana de transformação através da educação é a principal tarefa conferida e desempenhada pelos militantes.

As propostas da Escola Moderna idealizada por Francisco Ferrer y Guardia (1859-1909), personagem homenageado inúmeras vezes pela imprensa anarquista, auxilia a compreensão da importância da educação para a formação dos homens. Em contrapartida aos métodos autoritários e dogmáticos de ensino da escola tradicional, que aliena o homem através de superstições e preconceitos, Ferrer, pensador-militante, propunha uma educação *libertadora*, que incentivava o pensamento crítico e observador, instigando o homem a se rebelar e resistir ao autoritarismo e às estruturas de dominação. Segundo as orientações de Silvio Gallo, a educação tradicional visa educar o homem para que ele seja aquilo que ele não é, e sim o que a sociedade dele espera – acomodado com a estrutura social, percebida como imutável e inevitável. Já a educação anarquista tem como objetivo educar o homem para aquilo que ele realmente é, desenvolvendo todas as suas capacidades – físicas, intelectuais e morais – a partir de uma educação integral que visa a superação da divisão entre o trabalho manual e intelectual e a formação de um homem responsável, consciente de si, de suas singularidades e diferenças e da importância da sua relação com o outro, para a construção coletiva da liberdade. Todavia, neste projeto educativo, não apenas as escolas deveriam instruir e educar, mas também os jornais, os centros de cultura, os sindicatos, etc. Como apontado pelo filósofo francês Proudhon, mais conhecido como o Pai do Anarquismo, “a sociedade é um frágil e tênue equilíbrio entre uma multiplicidade de forças” (GALLO, 1995, p. 69), por isso a educação deve ser processada simultaneamente com a vida cotidiana.

Não há uma educação neutra e todo projeto pedagógico que se preze deve ser articulado numa escala de valores que lhes dêem coerência e que se reflitam não só em grandes declarações de princípios, como também na vida cotidiana (GALLO, 1995, p. 27).

Edilene Toledo (1993) desvela, através da análise do jornal *O Amigo do Povo*, formas utilizadas por grupos anarquistas para educar os trabalhadores. Segundo esta

---

<sup>16</sup> GUILARTE. Porque somos anarquistas. In: *O Libertário*. São Paulo: ano III, nº 15, p. 02, 1963.

autora, a imprensa livre era um poderoso instrumento de conscientização das massas, por ser um veículo de longo alcance capaz de educar e de difundir os ideais anárquicos para a criação de *novos homens* e de uma *nova sociedade*. Yara Khoury, em *A Organização dos jornalistas brasileiros 1908 – 1951*, evidenciou a importância do jornalismo para a constituição e continuidade do movimento operário brasileiro, mostrando que “todas as tendências dentro do movimento utilizaram o jornal como portador de suas propostas, como veículo de suas resistências e como proposta de educação dos trabalhadores” (KHOURY, 1987, p. 15). Ao salientar que Edgard Leuenroth teve participação ativa na orientação do movimento operário, a autora aponta para a relevância do jornal enquanto órgão de educação e arregimentação dos trabalhadores. Khoury evidenciou, ainda, em sua tese de doutorado, a trajetória de vida de Leuenroth em sua jornada como militante, arquivista, memorialista e jornalista, demonstrando a importância do anarquismo e dos sujeitos sociais na construção de caminhos de luta contra a sociedade vigente. Para Leuenroth:

Não bastava exercer o jornalismo, participar da vida sindical e associativa como forma de luta do trabalhador; é preciso alimentar e divulgar essa luta com escritos e reflexões sobre a experiência, assim como gravar, permutar registros sobre essa prática multifacetada entre grupos contemporâneos ou aproveitar as lições dos feitos anteriores. Com isso armazena textos operários muito variados além de compor os seus próprios (KHOURY, 1988, p. 6).

Há que se ressaltar que educar é mais do que instruir a respeito dos vários saberes que a tradição aponta como imprescindíveis para a formação do homem. Educar é antes de tudo transformar a consciência dos homens e contribuir para sua emancipação. Todo projeto educacional é carregado de mensagens políticas. A pedagogia libertária, por exemplo, ao contrário da educação tradicional – que tem como finalidade formar homens padronizados, dóceis e carregados de superstições e preconceitos – busca propiciar o desenvolvimento de todas as capacidades individuais a fim de formar homens livres e solidários, preocupados com o bem estar da coletividade (VALADARES, 2005, pp. 153-177). Para os anarquistas, a educação tradicional, atrofiadora do pensamento crítico do homem, seria a responsável pelo “conformismo” e pela “apatia” que atingia os brasileiros frente à exploração e a opressão do sistema capitalista. Desta forma, caberia aos militantes despertar e conscientizar os homens, incitando-os à revolta e à luta pela sua liberdade. Leuenroth, em seus escritos, tentou

demonstrar e consagrar o “pendor libertário” do homem brasileiro através de importantes conquistas históricas, tais como o movimento de independência e a conquista da alforria dos escravos:

Que fazer para enfrentar esta situação? Manter-se o povo indiferente à sua sorte, deixando-se definhando lentamente sem um gesto de hombridade, sem uma demonstração afirmativa de seus direitos? Não é possível! Isso seria negar as tradições do povo brasileiro que, não obstante os efeitos atrofiadores da obra danosa da politicagem, dos preconceitos, das superstições e credulidades alimentadas por quem tem interesse em dominá-lo, e, apesar de toda a obra embrutecedora a que estado submetido, tem dado sobejas provas de seu idealismo, desde as lutas pela independência, pela abolição da escravatura, para a implantação da República, e, depois, sob este regime, para repelir os atentados contra as liberdades públicas e os direitos individuais e coletivos.<sup>17</sup>

Kropotkin, filósofo anarquista russo, mais conhecido como o “Príncipe do Anarquismo”, associou a história do pensamento humano às oscilações de um pêndulo. Segundo ele, “depois de um longo período de sono, surge um momento de despertar” (KROPOTKIN, 2009, p. 33). Este despertar ocorre no momento em que os homens tratam de forma crítica tudo aquilo que os governantes, os homens de leis e o clero inculcaram através da educação tradicional, e se libertam dos preconceitos religiosos, políticos e sociais. Para Leuenroth, os períodos de despertar do povo brasileiro propiciaram importantes conquistas históricas que consagraram o seu “pendor libertário”, avivado durante a década de 1960, período de grande agitação política no Brasil. Sendo a luta pela liberdade uma *tradição* brasileira, Leuenroth acenou, através de um poema, que caberia aos militantes conscientes espalhar pelo Brasil um “eco vibrante de suas ardentes aspirações” por uma nova sociedade, a fim de despertar “os escravos modernos” a conquistarem “um novo 13 de maio”, uma “alforria final”<sup>18</sup>. Os militantes, enquanto abolicionistas, deveriam chamar os brasileiros à luta, sendo o discurso um veículo eficaz na concretização desta tarefa.

Sébastien Faure (1800- 1900), em uma conferência realizada em Paris em 1921, ressaltou a importância desta tarefa desempenhada pelos militantes. Para ele, os militantes têm as mãos cheias de verdades que devem ser espalhadas, sobretudo para os jovens e para as crianças – sementes que devem ser germinadas através da educação para serem colhidas no futuro (FAURE, 2009). A juventude é aclamada pelos militantes

<sup>17</sup> LEUENROTH, E. *Qual a solução para o problema do Brasil?* Manuscrito, s/d, p. 05 a 06

<sup>18</sup> LEUENROTH, E. Roteiro Libertário da alforria final. In: *O Libertário*. São Paulo. Ano I, nº 7, p. 01, 1962.

e chamada para a luta libertária uma vez que, para eles, os jovens e as crianças possuem a imaginação, a força, o entusiasmo, a lucidez e o anseio pela mudança:

Tudo no mundo é filho da juventude, do empuxo, da fé, do entusiasmo de uma juventude realmente jovem que sente em si mesma, anelos e desejos de deixar marcados os seus passos pela vida, fazendo algo de grande, de nobre, de belo. A juventude recolhe o facho apagado e acende-o novamente.<sup>19</sup>

O discurso político mobilizado pelos militantes aparece como uma força motora, remodeladora das consciências e impulsionadora da revolta. Neste sentido, a educação libertária adquire uma importância chave na luta pela construção da anarquia. Dentre os filósofos anarquistas, há que se destacar algumas considerações anunciadas por Bakunin. Para ele, a educação tem um papel fundamental na revolução social, uma vez que ela é um dos processos que integra a própria revolução. Sobre o pensamento de Bakunin, Silvio Gallo conclui que:

No momento em que educamos para a liberdade e a igualdade no seio de uma sociedade de exploração e desigualdade, já estamos realmente fazendo a revolução: estamos começando a mudar as consciências, estamos ajudando a ver o mundo de maneiras diferentes. E ver de outro modo é o primeiro passo para a transformação, pois ninguém transforma nada se não consegue ver as coisas de outra maneira (GALLO, 1995, p. 67).

O pensamento anarquista propõe a valorização de condutas morais pouco ou nada apreciadas em uma sociedade de cunho capitalista. Como assevera Malatesta, a moral evidencia regras de conduta bem quistas pelo homem que alicerça suas ações em sociedade (MALATESTA, 1904). Como não se pode conceber uma sociedade sem moral e não se pode conceber um *novo homem* que não saiba distinguir o que é bom ou mal para si e para o outro, afirmamos que os anarquistas compartilham uma moral, tratada não como um conjunto de regras que devem ser obrigatoriamente cumpridas, mas sim como uma escolha *inevitável* feita pelos homens que se revoltam contra todas as formas de tirania e exploração. Entendendo a ordem como disposição natural de cada coisa *O Libertário* enfatiza em um artigo intitulado *A ordem* de Juan Le Vagre que a sociedade é uma ordem resultante do desenvolvimento natural da humanidade e que por isso não se restringe a ser obra de um pensamento soberano que a criou e a conserva através da autoridade. Sendo a humanidade assim como os animais e as plantas

---

<sup>19</sup> MONTESENY, F. Os estudantes. In: *O Libertário*. São Paulo. Ano I, n° 01, p. 02, 1960.

possuidora de leis naturais que a regem, ela é contrária à força que tenta garantir uma ordem estabelecida por alguns homens que se beneficiam em detrimento do prejuízo dos demais<sup>20</sup>. A autoridade não seria para os anarquistas necessária para a manutenção da ordem social. Para eles, basta viver segundo as leis naturais para a garantia da ordem. A anarquia seria desse modo uma sociedade regida pelas leis naturais da humanidade e é sob estas leis que se assentam a moral anarquista.

### **A moral anarquista: um novo padrão de conduta**

Ao refletir sobre a origem do sentimento moral, Kropotkin afirma que qualquer modelo de conduta seguido pelo homem está intimamente associado a uma necessidade da sua natureza – a procura pelo prazer e/ou a extinção da dor. Observando o mundo animal, este pensador-militante concluiu que a distinção entre o bem e o mal em qualquer sociedade está associada a outras duas necessidades da natureza: a preservação da espécie e a busca pela felicidade de todos os seus membros. Tudo o que é útil para uma sociedade é logo associado ao bem, e tudo o que lhe é nocivo é associado ao mal.

Segundo Kropotkin, foi Adam Smith (1723-1790) o primeiro pensador a apontar a verdadeira origem do sentimento moral: o sentimento de simpatia. Quanto maior for a simpatia que se sente por um ato, mais facilmente ele se tornará um hábito. Tais considerações nos levam a crer que, para se educar o homem sob determinados códigos de conduta, é necessário despertar nele um sentimento de simpatia pela causa. A defesa de um ideal e a propagação da sua utilidade para a sociedade são as formas mais eficazes para conseguir adeptos. Se os religiosos cativam seus fieis através de uma moral pautada na obediência a Deus e no temor ao Inferno, os anarquistas buscam a adesão dos homens a partir do livre exame e da autocrítica. A moral defendida por Kropotkine é resumida em uma única frase: “Faz aos outros aquilo que quererias que te fizessem a ti nas mesmas circunstâncias” (KROPOTKIN, 2009, p. 71), que não é concebida como uma obrigação, mas sim como um conselho. A coação é repudiada pelos anarquistas, enquanto que a liberdade de escolha é considerada um direito inerente ao homem.

Sendo assim, nos perguntamos: como poderíamos nos certificar de que o homem agiria em prol do bem comum, na ausência de obrigações, punições e instituições

---

<sup>20</sup> VAGRE. Juan Le. A ordem. In: *O Libertário*. São Paulo, Ano I, nº 01, p.01, 1960.

coercitivas de vigilância? Segundo Kropotkin, o homem emancipado – *o novo homem* – “fará e agirá sempre num certo sentido útil para a sociedade” (Kropotkin, 2009, 99). Este homem saberá distinguir, através da experiência e observação, o que deve amar – o bem – e o que deve odiar – o mal – sendo o autoritarismo, a coação e a punição desnecessários para o desenvolvimento dos sentimentos morais. Os anarco-comunistas alimentam-se de um otimismo inabalável quanto à natureza humana e à sociabilidade imanente a ela. A fé no homem e na sua capacidade de distinguir o bem e o mal para a sociedade, quando emancipado, é o que move a crença no bom desenvolvimento e nos bons frutos capazes de serem gerados em uma sociedade anarquista. Para tanto, como já enfatizamos anteriormente, a emancipação dos homens só será possível através da educação, instrumento para a libertação dos homens de tudo que lhes falseia o juízo na sociedade vigente.

A intolerância dos anarquistas quanto às formas de agir e de pensar dos “dominadores” é apreciada por Kropotkin. Segundo ele, a intolerância confere aos homens um sentimento de revolta contra as mazelas e injustiças próprias do sistema capitalista: ela seria uma forma de combate ao mal que aflige a sociedade. Nesse sentido, quando analisamos os escritos de Leuenroth compreendemos a dicotomia bem/mal que permeia o seu discurso. Para ele, toda a estrutura do sistema capitalista, assim como todo o imaginário social que o sustenta deveriam ser combatidos, enquanto que a anarquia aparece como o modelo ideal de sociedade capaz de despertar nos homens a simpatia pelos sentimentos morais e éticos mais justos e mais humanos:

Em síntese, ao que se aspira é por fim ao regime de desordem imperante e conquistar uma situação que a todos faculte um melhor teor da vida. Para isso ser conseguido, é preciso dar combate a todas as formas de tirania, de exploração e de embrutecimento, a todos os elementos de corrupção imperantes no ambiente social. Vencendo todos os obstáculos que impedem a caminhada pela estrada larga da liberdade, em busca dos mais amplos horizontes sociais, que nos conduzem para sempre mais além das injustiças que perturbam a felicidade geral.<sup>21</sup>

A paixão ativa e vigorosa dos anarquistas pelo ideal libertário confere a eles um sentimento de rejeição e de revolta contra tudo aquilo que impede a propagação deste ideal, e impulsiona suas forças na luta pela regeneração do mundo. Kropotkin acredita

---

<sup>21</sup> LEUENROTH, Edgard. A situação no Brasil exige uma reforma estrutural – Somente com a socialização se solucionará o problema do país. In: *O Libertário*. São Paulo: Ano I, nº 07, p. 02, 1962.

que esta paixão – própria dos revolucionários – é natural ao homem motivado pelo sentimento do “poder” e pela capacidade de “fazer”:

O sentimento moral do dever – que cada homem sentiu na sua vida e que se tem querido explicar em todos os misticismos – “não é senão uma superabundância de vida que exige exercer-se, que exige dar-se; trata-se do sentimento de um poder” (KROPOTKIN, 2009, p. 113).

Neste sentido, Kropotkin afirma que deve haver coerência entre os ideais e as ações praticadas pelo homem e, por isso, ele precisa agir atendendo a este sentimento de “poder”, propagando o seu ideal e se revoltando contra tudo aquilo que impede o bem estar social. A revolta contra todas as formas de dominação, preconceitos e obscurantismo do sistema capitalista e a defesa do ideal libertário – caminho para o progresso da humanidade – é, dessa forma, a própria essência da moral anarquista.

Outra constatação de Kropotkin em seus estudos refere-se ao fato de que a sobrevivência das espécies, assim como o seu progresso, está associada ao hábito do princípio de solidariedade, um traço existente em todas as espécies animais que vivem em sociedade e que garante o desenvolvimento em seu seio de duas qualidades: a coragem e a livre iniciativa, quesitos fundamentais para sua vitória e seu progresso.

Quanto mais sinta cada membro da sociedade a sua solidariedade com qualquer outro membro da mesma, melhor se desenvolvem, em todos, estas duas qualidades que constituem os principais fatores da vitória e de todo o progresso – a coragem, por um lado e a livre iniciativa do indivíduo por outro. É pelo contrário, quanto mais essa sociedade animal, ou qualquer pequeno grupo de animais, perde esse sentimento de solidariedade (...) mais os outros dois fatores do progresso - a coragem e a iniciativa individual – diminuem; acabam por desaparecer e a sociedade cai na decadência, sucumbe perante seus inimigos. Sem mútua confiança nenhuma luta é possível (KROPOTKIN, 2009, pp. 80-81).

A coragem e a livre iniciativa são duas qualidades fundamentais para os anarco-comunistas, pois permitem que o homem lute contra a submissão e em favor da liberdade contribuindo para o progresso da sociedade. O sentimento de solidariedade, quando recorrente no seio de uma sociedade, permite ao homem sua libertação e emancipação. Isso nos auxilia na compreensão da interligação, na filosofia libertária, entre os seus três princípios básicos: a liberdade, a igualdade e a solidariedade. É a solidariedade que pressupõe o respeito e a consideração pelo outro em uma sociedade que privilegia a liberdade plena e a igualdade entre os indivíduos. Para o anarco-

comunismo, todos os homens devem ser livres e devem ter os mesmos direitos, porém eles não defendem o individualismo desenfreado, próprio dos tempos modernos, e sim o coletivismo. O homem só se satisfaz a partir da realização social, de modo que a preservação e o bem estar da sociedade são fundamentais para a sua felicidade:

É, portanto pela cooperação e pelas relações recíprocas que se dá o aprimoramento do indivíduo. A reciprocidade implica no princípio de igualdade de condições, ou seja, na justiça social, tão cara ao(s) anarquismo(s). Numa sociedade de iguais, cada indivíduo, soberano de si, governa a si mesmo, o que pode ser traduzido, a nível social, pela máxima “não queremos ser governados ... não queremos governar” O reconhecimento do outro como seu igual está na base da moral de Kropotkine, que assegura não ser necessária a coerção numa sociedade de iguais (LOPREATO, 2003, p.60).

Em uma entrevista concedida por Edgard Leuenroth a um programa de TV da cidade de São Paulo, comentada no jornal *O Libertário*, o entrevistado sintetiza bem estas assertivas. Segundo ele:

O anarquismo não se fecha, não está enquadrado em nenhum esquema preestabelecido a servir de roteiro para a conduta humana. É a própria vida! E como tal, vai até onde o sentido da liberdade o possa conduzir. Sim, porque a essência da Anarquia é liberdade e responsabilidade. Livre para compreendermos a responsabilidade, responsáveis para não desvirtuamos o sentido da liberdade. É assim que entendemos o anarquismo. Filosofia aberta a todos os reis, mendigos, sábios e ignorantes (...) E na Anarquia, liberdade e responsabilidade têm funções correlatas. Se a liberdade é condição essencial para o estabelecimento da Anarquia, a responsabilidade exerce o sentido crítico, ético e estético do anarquismo. Ambos se completam na função de conduzir as atitudes humanas.<sup>22</sup>

A solidariedade é um princípio moral capaz de fazer brotar no homem a coragem e a livre iniciativa. Estas qualidades permitem o desenvolvimento de homens responsáveis que intercedem pela sociedade em que vivem e prontos para agir em prol do bem estar social, uma vez que são guiados pela razão, e, conseqüentemente, pela moral. Oliveira, ao refletir sobre a formulação da questão educacional sob a ótica libertária, aponta a importância da educação moral no processo de constituição da consciência crítica e revolucionária dos homens. Segundo Oliveira, no pensamento proudhoniano o caráter do indivíduo pode sofrer modificações a partir de influências externas. Tal sujeição implica, no entanto, numa certa vulnerabilidade do caráter do

---

<sup>22</sup> LEUENROTH, E. O anarquismo exposto na TV de São Paulo. In: *O Libertário*. São Paulo, Ano III, nº16-17, p. 4, 1963.

indivíduo, que pode desenvolver o melhor ou o pior de si de acordo com as influências que sofre. É a partir desta noção que Proudhon constrói uma perspectiva de educação em que a liberdade e a solidariedade são elementos pedagógicos para a formação dos homens:

Segundo a visão proudhoniana, a educação moral é fundamental para desenvolver no homem o sentido de justiça que lhe é inato, mas que necessita ser estimulado e exercitado. (OLIVEIRA, 1999, 169)

A educação moral aparece, nesse sentido, como uma força propulsora das boas qualidades dos homens e, sobretudo do senso de justiça fundamental para que vivam em liberdade e de forma solidária. O egoísmo e o individualismo, tão comuns na nossa sociedade, são ferrenhamente combatidos pelos anarco-comunistas. Quando Leuenroth combate a ganância e a exploração dos capitalistas, ele enfrenta o individualismo destes homens que privilegiam interesses pessoais em detrimento dos interesses coletivos:

Ninguém deve hesitar em face desta verdade: a origem da miséria, da insegurança e da inquietação de todos os brasileiros está no monopólio, pelos capitalistas, da riqueza produzida diretamente e efetivamente pelo povo trabalhador, que, no entanto, constitui a classe pobre, sujeita a todas as agruras de escassez do mais essencial à vida. Evidencia-se, conseqüentemente, que a única solução para o problema político-social brasileiro, e, aliás, para o de todos os povos, como o nosso, sujeitos à mesma crise, será substituir o regime de privilégios dominante que concede aos capitalistas, senhores de todos os meios de produção, o direito de vida e de morte sobre o trabalhador. Torna-se indispensável organizar a sociedade brasileira de maneira que a terra e os instrumentos de produção, todos os bens sociais, produzido pelo esforço comum, sejam postos, como patrimônio comum que a serviço da produção destinada a satisfazer as necessidades coletivas e não as ambições de riquezas da minoria capitalista.<sup>23</sup>

Os interesses da coletividade ditariam a organização da sociedade ácrata pensada por Leuenroth, mas seu bom funcionamento estaria ligado à intervenção dos *novos homens*, cuja autonomia e responsabilidade conduziriam a nova sociedade:

É preciso assentar a organização do Brasil de forma que assegure a cada brasileiro o seu desenvolvimento integral e o bem estar à coletividade, uma organização que considere o indivíduo como sua unidade essencial e que, repudiando todas as normas totalitárias e ditatoriais, seja baseada no livre consenso, determinada e regulada pelas necessidades, aptidões, idéias e sentimentos de cada qual, dentro de uma vasta confederação socialista libertária

---

<sup>23</sup> LEUENROTH, Edgard. A situação no Brasil exige uma reforma estrutural – Somente com a socialização se solucionara o problema do país. In: *O Libertário*. São Paulo: Ano I, nº 07, p. 02, 1962.

de comunas livres, estruturadas pelas federações profissionais, técnicas, científicas, artísticas, culturais, recreativas etc.<sup>24</sup>

#### IV. CONCLUSÃO:

A instauração de uma sociedade anarquista não poderia ser realizada de um dia para o outro. A anarquia deveria ser conquistada dia após dia. Quando Leuenroth preconizava os problemas que afligiam a população e, em seguida, apontava para problemas que alicerçam as bases do sistema capitalista – O Estado, as leis, a propriedade privada, a desigualdade social – nos artigos publicados no jornal *O libertário* ele deu o primeiro passo para a conscientização dos seus leitores sobre a necessidade de transformação social para, então, acenar uma nova perspectiva política, econômica e social pautada nos princípios anarquistas, tal como consta em seus manuscritos. A conquista da anarquia, tão almejada por Leuenroth, só seria possível a partir de um processo gradual de conscientização, educação e avivamento do espírito transformador e criador dos homens. Segundo Malatesta, a anarquia seria

uma sociedade fundada sobre o livre e voluntário acordo, na qual ninguém possa impor sua vontade a outrem, onde todos possam fazer como bem entendem e concorrer voluntariamente para o bem-estar geral. Seu triunfo só será definitivo, universal, quando todos os homens não mais quiserem ser comandados nem comandar outras pessoas, e tiverem compreendido as vantagens da solidariedade para saber organizar um sistema social no qual não haverá mais marca de violência e de coação. Por outro lado, assim como a consciência, a vontade, a capacidade, aumentam gradualmente e só podem encontrar oportunidade e meios de se desenvolverem na transformação gradual do meio e na realização das vontades à medida em que elas se formam e se tornam imperiosas; assim, também, a anarquia instaurar-se-á pouco a pouco, para se intensificar e se ampliar cada vez mais. Não se trata, portanto, de chegar à anarquia hoje ou amanhã, ou em dez séculos, mas caminhar rumo a anarquia hoje, amanhã e sempre (MALATESTA, 1910, p. 2).

Leuenroth compreendia que a conquista de uma sociedade libertária brasileira só seria possível a partir de um árduo trabalho de militância. Nesse sentido, a anarquia deveria ser conquistada gradualmente. Conscientizar as massas, denunciar as contradições e injustiças, educar os homens a partir dos princípios e da moral libertária, estruturar uma sociedade libertária compatível com as especificidades brasileiras e, sobretudo, ser fiel e coerente aos seus ideais, são condutas que regeram toda a trajetória

---

<sup>24</sup> Idem, p.02.

de vida de Leuenroth. Na década de 1960, momento de grande euforia dos movimentos sociais no país e de uma forte crise econômica devido à inflação, Leuenroth julgava necessária uma urgente remodelação das bases do sistema capitalista:

Urge, pois, romper o círculo vicioso dentro do qual gira a vida da sociedade brasileira. E para isso ser conseguido terá o povo de se colocar ante o imperativo irrecusável de promover a reforma das bases da organização político-econômico-administrativa do País. Mas será possível proceder-se – no momento presente – a uma reforma da sociedade brasileira em bases fundamentais diversas das normas agora vigentes? Haverá possibilidade prática de se operar uma reorganização tão radical na vida social brasileira com os elementos que aí estão – materiais e humanos? Eis a inevitável interrogação que se apresenta em meio às preocupações e inquietude daqueles que enfrentam o estudo dos problemas sociais obedientes ao critério do livre exame<sup>25</sup>.

Ante a necessidade e a urgência de tal transformação social, Leuenroth acreditava na possibilidade de concretização da anarquia no Brasil, conciliável com as condições materiais e humanas que aqui se encontravam. O temor resultante desta proposta de emancipação estava ligado, conforme Leuenroth, ao conformismo, à acomodação e à submissão e respeito incondicional à ordem instituída, às normas e condutas reforçadas pelo modelo tradicional de educação. Mostrando que no início da vida em sociedade o homem vivia em agrupações humanas que dispensavam a existência de um Estado, Leuenroth acreditava que o povo brasileiro seria capaz de promover a *reforma das bases da organização político-econômico-administrativa*<sup>26</sup> do país e organizar um sistema de convivência que facultasse a todos o bem estar social:

Assim sendo, outra solução não se apresenta senão a do povo brasileiro decidir-se a enfrentar, de uma vez por todas, com a firmeza da consciência inabalável de seus direitos, o imperativo histórico de considerar como obsoleto o atual regime fundado no domínio do capitalismo e lançar, em sua substituição, os fundamentos da organização socialista libertária, tendo por lema a igualdade como base, a liberdade como meio e a solidariedade como fim, num ambiente de ordem fundado na harmonia que resulta da prática do método do livre acordo e da ajuda mútua.<sup>27</sup>

É a partir desses princípios: liberdade, igualdade e solidariedade, que Leuenroth estrutura em seus escritos uma sociedade anarquista para o Brasil. Nela, o Estado, as

<sup>25</sup> LEUENROTH, Edgard. A reforma de base que se impõe. In: *O Libertário*. São Paulo Ano III n° 26, p. 01, 1964.

<sup>26</sup> Idem, p. 01.

<sup>27</sup> LEUENROTH, Edgard. *Qual a solução para o problema do país?*. Manuscrito, s/d. p. 33.

leis e todas as instituições burocráticas, assim como todos os privilégios, títulos honoríficos e hierárquicos seriam abolidos. Socializar-se-iam todos os patrimônios e riquezas sociais, terras, instrumentos de produção. Conforme adverte Leuenroth, *o bem estar da comunidade deve partir do bem-estar de cada um de seus membros*<sup>28</sup>, de acordo com as suas necessidades e com suas possibilidades. A sociedade retribuiria os esforços coletivos correspondendo às necessidades básicas de sobrevivência humana: alimentação, habitação, assistência social, instrução, lazer, etc.

Contudo, o que pretendemos evidenciar neste trabalho, é que as idéias libertárias de Leuenroth e o seu projeto de conscientização das massas apelavam para uma atitude moral frente às intempéries patrocinadas pelo capitalismo. O jornal anarquista era um veículo chave de transmissão dos ideais e das aspirações deste militante, uma vez que permitia a circulação de mensagens claras e concisas com posturas coletivas moralmente constituídas e alicerçadas sob a égide de uma política libertária. Tais mensagens eram divulgadas a um público amplo. Os anarquistas possuíam uma prática comum de repassar a outras pessoas jornais, folhetos, livros, etc., ao invés de descartá-los. No canto direito, ao final da segunda página do segundo número publicado do jornal *O Libertário* verificamos a seguinte mensagem:

Não jogue esta fôlha depois de a ler. Passe-a adiante, para que outros a leiam.<sup>29</sup>

Tal prática viabilizava o acesso ao jornal não só de anarquistas e simpatizantes, mas também a pessoas que desconheciam o anarquismo ou que dele tinham uma imagem equivocada. A imprensa aparecia, desse modo, como um instrumento primordial de divulgação do anarquismo. Ela era um locus de comunhão entre conscientização política e orientação moral para a formação do perfil de novo homem vislumbrado por Leuenroth para a construção da anarquia. Por outro lado, é justamente nesta interlocução que se negava as premissas “naturalizadas” do capitalismo que, para Leuenroth, se ancoravam na falta de consciência política e na desorientação moral.

Esta pesquisa prosseguirá a partir do segundo semestre de 2010, uma vez que existem outras questões e inquietações fundamentais que serão perscrutadas para a finalização dos seus resultados.

---

<sup>28</sup> Idem, p. 41.

<sup>29</sup> *O Libertário*. São Paulo. Ano I, nº 02, p.02, 1960.

## V. FONTES:

### Jornais:

DEALBAR. São Paulo: Pedro Catalo, 1964-1968.

O LIBERTÁRIO. São Paulo: Pedro Catalo, 1960 – 1964.

### Manuscrito:

LEUENROTH, Edgard. *Qual a solução para o problema do país?*. Manuscrito, s/d.

## VI. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALVES, Fabio Lopez, GUARNIERI, Ivanor Luiz. *A utilização da imprensa escrita para a escrita da história: diálogos contemporâneos*. Disponível em: <http://www.fnj.org.br>, acesso em: julho de 2010.

ANSART, Pierre. *La Gestion des passions politiques*. Laussane, Suisse: Editions L'Age d'Homme, 1983.

BAKUNIN, Michael Alexandrovich. *Dios y el Estado*. Barcelona: Biblioteca Júcar de política, 1976.

CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

DULLES, John W.F. *Anarquistas e Comunistas no Brasil, 1900-1935*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

FAURE, Sébastien. “A criança”. In: *Verve*, Revista do Núcleo de Sociabilização Libertária do Programa de estudos pós-graduados em Ciências Sociais da PUC: São Paulo, nº16, 2009, pp.13-47.

FERREIRA, Maria Nazareth. *A Imprensa operária no Brasil, 1880-1920*. Petrópolis: Editora Vozes, 1978.

GALLO, Silvio. *Pedagogia do risco*, Campinas: Papirus, 1995.

GUÈRIN, Daniel. *O anarquismo: da doutrina à ação*. Rio de Janeiro: Editora Germinal, s/d.

KHOURY, Yara. *As Greves de 1917 em São Paulo*. São Paulo: Cortez, 1981.

KHOURY, Yara. *Edgard Leuenroth: uma voz libertaria*. Imprensa, Memória e Militância anarco-sindicalista. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1988.

- KROPOTKIN, P. *A moral anarquista*. Lisboa: Edições Sílabo, 2009.
- LEUENROTH, Edgard. *Anarquismo: roteiro da libertação social*. Rio de Janeiro: Editora Mundo Livre, 1963.
- LEUENROTH, Edgard. *A Organização dos jornalistas brasileiros 1908 – 1951*, São Paulo: Editora COM-ARTE, 1987.
- LOPREATO, Christina Roquette. O (des)encontro do Brasil consigo mesmo: ditos e escritos de Edgar Leuenroth. In: *Verve*, Revista do Núcleo de Sociabilização Libertária do Programa de estudos pós-graduados em Ciências Sociais da PUC: São Paulo, nº15, 2009, pp. 202-220.
- LOPREATO, Christina Roquette. *O Espírito da Revolta: a greve geral anarquista de 1917*. São Paulo: Annablume, 2000.
- LOPREATO, Christina Roquette. Sobre o pensamento libertário de Kropotkin: indivíduo, liberdade, solidariedade. In: *História & Perspectivas*, Uberlândia, (27 e 28): pp. 557-572, 2003.
- LUIZETTO, Flávio. “Introdução”. In: MORIYÓN, Felix Garcia (org.). *Educação libertária*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- MALATESTA, Erico. *Os anarquistas e o sentimento moral*. Genebra: Le Réveil, 1904.
- MALATESTA, Erico. *Rumo à Anarquia*. Genebra: Le Réveil, 1910.
- OLIVEIRA, Leila Floresta. “Gênese do pensamento pedagógico anarquista: Proudhon e os princípios liberais e democráticos”. In: *Educação e Filosofia*. Uberlândia, (13/26), 1999, pp. 141-172.
- PROUDHON, Pierre-Joseph. *Do principio federativo*. São Paulo: Nu-Sol: Imaginário, 2001.
- RAGO, Luzia Margareth. *Do Cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil, 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- REIS, Daniel Aarão et. al. (orgs.). *O golpe e a ditadura militar: quarenta anos depois (1964-2004)*. São Paulo: Edusc, 2004.
- SEIXAS, Jacy. “Anarquismo e socialismo no Brasil: as fontes positivistas e darwinistas sociais”. *Revista História & Perspectivas*. Uberlândia, (12/13), 1997, pp. 133-148.
- SEIXAS, Jacy. “Indivíduo, liberdade e solidariedade em Proudhon: contribuição para uma genealogia do pensamento e sensibilidades anarquistas”. In MACHADO, Maria Clara Tomaz e PATRIOTA, Rosângela (org). *Política, cultura e movimentos sociais:*

*contemporaneidades historiográficas*. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2001.

SKINNER, Quentin. *As fundações do pensamento político moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

TOLEDO, Edilene. *O amigo do povo: grupos de afinidade e a propaganda anarquista em São Paulo nos primeiros anos deste século*. Dissertação (Mestrado em história). Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. São Paulo: Unicamp, 1993.

VALADARES, Eduardo. “A educação anarquista na República Velha”. *Verve* Revista do Núcleo de Sociabilização Libertária do Programa de estudos pós-graduados em Ciências Sociais da PUC: São Paulo, nº7, 2005, pp. 153-177.